



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LICENCIATURA E BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ERBERSON DOS SANTOS ARAGÃO
PEDRO DA CUNHA NETO
WELLYNGTON CLEITON DA SILVA BEZERRA

O PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DO MARABAIXO: O RECONHECIMENTO
COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NACIONAL E AS REPERCUSSÕES
ENTRE OS MARABAIXEIROS.

Macapá/AP
2018

ERBERSON DOS SANTOS ARAGÃO
PEDRO DA CUNHA NETO
WELLYNGTON CLEITON DA SILVA BEZERRA

O PROCESSO DE PATRIMONIALIZAÇÃO DO MARABAIXO: RECONHECIMENTO
COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL NACIONAL E AS REPERCUSSÕES
ENTRE OS MARABAIXEIROS.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Departamento de Filosofia e
Ciências Humanas – Colegiado de Ciências
Sociais – da Universidade Federal do Amapá,
como requisito parcial para a obtenção do título
de Bacharelado e Licenciatura Plena em Ciências
Sociais.

Orientador: Prof. Me. Luciano Magnus de Araújo.

Macapá/AP
2018

ERBERSON DOS SANTOS ARAGÃO
PEDRO DA CUNHA NETO
WELLYNGTON CLEITON DA SILVA BEZERRA

O processo de patrimonialização do Marabaixo: reconhecimento como patrimônio cultural imaterial nacional e as repercussões entre os marabaixeiros.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Departamento de Filosofia e Ciências Humanas – Colegiado de Ciências Sociais – da Universidade Federal do Amapá, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado e Licenciatura Plena em Ciências Sociais.

DATA DE APROVAÇÃO: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Professor Mestre Luciano Magnus de Araújo.
(Orientador)

Professor Mestre David Junior de Souza Silva
(Examinador)

Professor Mestre Miqueias Serrão Marques
(Examinador)

*Aos familiares, amigos,
professores e a cultura
afroamapaense.*

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer primeiramente a Deus que nos proporcionou essa oportunidade de concluir mais uma etapa de nossas vidas.

Aos nossos familiares e aos amigos que nos apoiaram e nos deram forças para seguir em frente.

Aos nossos professores que dedicaram o seu tempo para nos transmitir e ensinar seus conhecimentos.

Ao nosso professor Luciano Magnus de Araújo que nos orientou nessa etapa final do curso e nos incentivou a prosseguir.

Ao nosso professor Zé Maria que nos ajudou com ideias e referências bibliográficas para elaboração desse trabalho.

Aos nossos colegas de sala de aula que contribuíram com nosso conhecimento através de apresentações de trabalhos, discursões textuais e rodas de conversar em baixo da nossa bela Sofia.

As pessoas que nos concederam entrevistas para realização da nossa pesquisa de campo, sem elas esse trabalho não seria possível.

Aos grupos Berço do Marabaixo e Mestre Pavão que nos concederam a honra de conhecê-los, aprendendo com eles sobre a nossa cultura Afroamapaense que é o Marabaixo.

A todos e a todas que direta ou indiretamente contribuí para nossa formação acadêmica.

RESUMO

O presente artigo faz uma abordagem sobre o processo de patrimonialização do Marabaixo, busca analisar as etapas que contribuem para o reconhecimento desse bem cultural como patrimônio cultural imaterial nacional, discute a relação que há entre cultura e patrimônio, além de descrever a noção de patrimônio e a diferença entre patrimônio material e patrimônio imaterial. O texto faz menção do que é o Marabaixo através das obras literárias de autores especialistas nesta área. Expõem os elementos que compõem essa manifestação cultural, destaca o histórico de algumas perseguições sofridas pelos marabaixeiros, menciona a legislação que garante o direito cultural e o acesso às fontes culturais, o reconhecimento legal do patrimônio cultural brasileiro, o papel do IPHAN como instituição responsável pela identificação dos bens culturais por todo país e a elaboração do inventário de referências culturais do Marabaixo. Exibe o resultado da pesquisa de campo: as mobilizações que levaram os marabaixeiros a provocarem o IPHAN para abertura do processo de patrimonialização, as repercussões em meio às comunidades sobre o registro do bem imaterial, seus relatos a respeito das mudanças que afetam a manifestação cultural e suas perspectivas acerca do apoio do Estado, da salvaguarda, da difusão perante a sociedade e sobre o que o Marabaixo representa para os marabaixeiros.

Palavras - chave: Cultura, inventário, bem cultural e Marabaixo.

ABSTRACT

This article approaches the process of patrimonialisation of *Marabaixo*, seeks to analyze the stages that contribute to the recognition of this cultural asset as a national intangible cultural heritage, discusses the relationship between culture and heritage, and describes the notion of heritage and the difference between material and intangible assets. The text makes reference to what is the Marabaixo through the literary works of author's specialists in this area. They expose the elements that compose this cultural manifestation, highlights the history of some persecutions suffered by marabaixeiros, mention the legislation that guarantees cultural right and access to cultural sources, the legal recognition of the Brazilian cultural heritage, the role of IPHAN as institution responsible for identification of cultural assets throughout the country and the elaboration of the inventory of cultural references of Marabaixo. It shows the results of the field research: the mobilizations that led the marabaixeiros to provoke the IPHAN to open the patrimonialisation process, the repercussions among the communities on the registration of intangible good, their reports on the changes that affect the cultural manifestation and their perspectives on state support, safeguarding, diffusion to society, and what Marabaixo represents for the *marabaixeiros*.

Keywords: Culture, inventory, *cultural* good and *Marabaixo*.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ALTAR DEDICADO À SANTÍSSIMA TRINDADE.....	18
FIGURA 2: ALTAR Á SANTÍSSIMA TRINDADE E DIVINO ESPÍRITO SANTO	18
FIGURA 3: MÔNICA RAMOS	18
FIGURA 4: ADORANDO O DIVINO ESPÍRITO SANTO	20
FIGURA 5: ADORANDO À SANTÍSSIMA TRIDADE	20
FIGURA 6: MARABAIXO NO BARRACÃO DO MESTRE PAVÃO.....	20
FIGURA 7: MASTROS DA SANTÍSSIMA TRINDADE E DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	21
FIGURA 8: MASTRO DA SANTÍSSIMA TRINDADE.....	21
FIGURA 9: CORTEJO DA MURTA.....	22
FIGURA 10: BARRACÃO DA TIA GERTRUDES	32
FIGURA11: BARRACÃO DO MESTRE PAVÃO	33
FIGURA 12: RETIRADA DO MASTRO	35
FIGURA 13: JOVEM TOCANDO CAIXA	38
FIGURA 14: VALDINETE COSTA.....	43
FIGURA 15: CRIANÇA PARTICIPANDO DO MARABAIXO	43
FIGURA 16: MARABAIXO NO BARRACÃO DA TIA GERTRUDES	45

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	12
2. O QUE É CULTURA?	13
3. PATRIMÔNIO: CULTURAL, MATERIAL E IMATERIAL	14
3.1 PATRIMÔNIOCULTURAL	15
3.2 O QUE É PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL	16
4. O QUE É O MARABAIXO?	17
4.1 PERSEGUIÇÕES	23
5. LEGISLAÇÃO	25
5.1 O INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS	27
6. RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO	29
6.1 A PROP. DE PATRIMONIALIZAÇÃO E O INVENTÁRIO DO MARABAIXO	29
6.2 REPERCUSSÕES SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO	32
7. O MARABAIXO NO CONTEXTO ATUAL	37
7.1 O RITMO DO MARABAIXO	38
7.2 LADRÃO DE MARABAIXO	39
7.3 AS INDUMENTÁRIAS	42
7.4 CICLO DO MARABAIXO	44
8. O SIGNIFICADO DO MARABAIXO NA VIDA DOS MARABAIXEIROS	45
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	51
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS MARABAIXEIROS	52
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS MARABAIXEIROS DO COMITÊ GESTOR	53
APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DESTINADO AOS MEMBROS DO IPHAN	54
APÊNDICE D- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	55

INTRODUÇÃO

A cultura tem um papel fundamental em nossa sociedade, por meio dela aprendemos sobre as origens, histórias, saberes, tradições e costumes dos povos que nos antecederam. Sendo perpetuada de geração a geração pelas diversas manifestações culturais expressando assim o jeito de ser, agir, pensar e falar de um grupo social, mantendo viva a tradição através da interação entre os sujeitos. Mas, certas características culturais se modificam ou mesmo se perdem decorrentes das transformações que surgem dentro da sociedade e do grupos sociais. Para tanto, a constituição federal de 1988 consagra alguns direitos que visam preservar, manter, valorizar e difundir o bem cultural de caráter material e imaterial, garantindo a continuidade e a inalterabilidade de seus aspectos que o tornam histórico, suas práticas e saberes, essenciais para o fortalecimento da identidade cultural.

Dentro dessa perspectiva temos o Marabaixo como um dos representantes da cultura amapaense, que está em processo de reconhecimento de Patrimônio Cultural imaterial do Brasil, sendo que a superintendência do IPHAN do estado do Amapá ficou responsável pela elaboração dos inventários, um tratando do Marabaixo em aspecto geral, como: as indumentárias, o toque e confecções das caixas (instrumentos usados na festividade) e de outros elementos que o compõem. E outro inventário com abordagem específica ao ciclo do Marabaixo, discutindo sobre sua representação e sua importância para os marabaixeiros. Por meio de visitas aos barracões e de entrevistas com os participantes da manifestação cultural, o IPHAN coletou dados e fatos que contribuíram para a elaboração dos inventários.

O objetivo da patrimonialização do Marabaixo consiste em proteger, preservar e valorizar esse bem cultural para poder compartilhá-lo com as futuras gerações, garantindo o acesso dos conhecimentos existentes nessa manifestação não somente para os marabaixeiros, como também, para a sociedade de modo geral.

Este trabalho é uma pesquisa etnográfica nos barracões da tia Gertrudes e do Mestre Pavão, durante o ciclo do Marabaixo fomos ao campo em busca de registros e informações sobre o Marabaixo, analisando seus aspectos a respeito da patrimonialização e dos elementos que compõem essa manifestação cultural. Focando na ideia de que o processo de patrimonialização visa à proteção do bem cultural em questão contra possíveis alterações que decorrem das mudanças na conjuntura social, buscamos fazer uma abordagem do que era o Marabaixo e assim tenta entender tais mudanças que o afetaram, o que permanece inalterado de seus elementos e o porquê de torná-lo patrimônio cultural imaterial nacional.

O presente artigo está dividido em duas partes, no primeiro momento falamos sobre o que é cultura e seus diversos conceitos perante as Ciências Sociais, em seguida falamos o que é patrimônio e abordamos sobre patrimônio cultural, material e imaterial demonstrando a diferença entre eles. Conceituamos o que é o Marabaixo na perspectiva de Fernando Canto e de Piedade Videira e discorremos sobre as perseguições sofridas por esse bem cultural. Em seguida apresentamos através da Constituição Federal de 1988, leis e decretos que viabilizam a valorização, difusão e preservação dos bens culturais nacionais, por conseguinte apresentamos sobre o que é o Inventário Nacional de Referências Culturais, demonstrando sua importância no processo de patrimonialização. O segundo momento deste trabalho está relacionado com os resultados da nossa pesquisa de campo por meio de entrevistas ao IPHAN, representado por Evandro Barros Neto, chefe da divisão técnica do IPHAN e pela estagiária Adrian Barbosa, em que analisamos a proposta de patrimonialização e o inventário do Marabaixo. E foram entrevistadas quatro pessoas, duas pessoas do barracão do Mestre Pavão¹ e duas pessoas do barracão da tia Gertrudes² em que discutimos sobre as repercussões da patrimonialização do Marabaixo, como também apresentamos o Marabaixo no contexto atual e o seu significado na vida dos marabaixeiros.

¹ Mônica Ramos, de cinquenta e um anos, filha do Mestre Pavão, é a responsável pelo barracão do Mestre Pavão, localizado no bairro Jesus de Nazaré. E dona Naira, de sessenta e três anos, marabaixeira participante do mesmo barracão.

² Valdinete Costa, de quarenta e oito anos, é a responsável pelo barracão da Tia Gertrudes. Val, como é conhecida pelos marabaixeiros, é neta da Tia Gertrudes fundadora do barracão, localizado no bairro Santa Rita (antigamente denominado como Favela). E dona Marilda Costa, de sessenta e seis anos, marabaixeira participante do barracão.

1. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa consistiu em analisar o processo de patrimonialização com os agentes envolvidos no Marabaixo e no IPHAN, promovendo uma entrevista semiestruturada com o fim de colher dados que contribuíssem para o desenvolvimento da pesquisa. Além de fazer uma etnografia a respeito dos aspectos que envolvem o Marabaixo e os seus participantes. Foram escolhidos dois barracões de Marabaixo de Macapá considerados como uns dos principais na realização do ciclo do Marabaixo para serem observados e fotografados durante o ciclo, o barracão da Tia Gertrudes e do Mestre Pavão. A pesquisa teve início em março de 2018, quando iniciaram as pesquisas bibliográficas sobre o tema e nos deparamos com o Marabaixo em processo de patrimonialização, a partir de então, começamos a buscar informações sobre o assunto no IPHAN que por meio de entrevista, Evandro Barros Neto e Adrian Barbosa nos falaram como se deu o pedido e como foi o processo de patrimonialização.

Nos barracões conhecemos pessoas que estavam dispostas a nos informarem sobre o Marabaixo e sobre a patrimonialização. Do barracão do Mestre Pavão foram entrevistadas Mônica Ramos e Dona Naira Sousa e no barracão da Tia Gertrudes foram Valdinete Costa e Dona Marilda Costa que de maneira voluntária foram de fundamental importância para o desenvolvimento da pesquisa, pois por meio de suas palavras aprendemos e compreendemos sobre os aspectos que envolvem o Marabaixo e suas tradições através do ciclo, e o motivo pelo qual os marabaixeiros buscaram a patrimonialização do Marabaixo.

2. O QUE É CULTURA?

Para compreendermos o que é cultura, é preciso analisar sua consolidação como palavra durante o século XVIII, quando aparece e passa a sofrer as transformações no que diz respeito à construção de seu conceito, ganhando assim o status até adquirir o sentido como conhecemos atualmente.

Denys Cuche (2012) faz uma reconstrução da gênese da noção de cultura, o autor se remete ao século XVIII francês, momento em que a palavra *cultura* ganha seu sentido moderno, que naquele contexto referia-se, tanto à “educação do espírito” quanto à “civilização”. No século XIX no contexto alemão, o termo designa tudo que é autêntico e contribui para desenvolvimento intelectual e espiritual.

A cultura vem da alma, do gênio de um povo. A nação cultural procede e chama a nação de conquistas artísticas, intelectuais e morais que constituem o patrimônio de uma nação considerado como adquirido definitivamente e fundador de sua unidade. (CUCHE, 2012, p. 28)

José Santos (1949, p.24) apresenta o conceito de cultura analisando os aspectos de uma realidade social. Sendo assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade. Com esses fatos, cultura se refere às realidades sociais bem distintas. Entretanto, a maneira em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conceber e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais.

A constatação da variedade de modos de vida entre povos e nações é um elemento fundamental das preocupações com a cultura, sabe-se também que da longa data se indagou sobre as razões que explicavam a existência de costumes, modos de vida, práticas e crenças de povos diferentes. (SANTOS, 2006, p. 26)

Porto (2011) destaca que para Durkheim, a cultura é uma extensão da personalidade social dos indivíduos que constitui por meio da interiorização e dos modelos e valores funcionais para manter a ordem social. Considerando assim, os indivíduos como um produto da vida comum o que das forças da determinação da vida, isto, está relacionado com a ação da sociedade. Desta maneira, Durkheim importa-se com os valores morais e as dimensões do tipo religioso para manter a coesão social quando baseada a solidariedade social nos próprios vínculos sociais que se constituem no interior da organização produtiva. A autora acentua que:

A cultura é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. (CAMPOMORI, 2008, p. 78-79, *apud*, PORTO, 2011, p. 94).

Porto (2011) elenca a cultura dentro da perspectiva contemporânea e define como algo multidisciplinar com transversalidade inerente, fazendo uns recortes temáticos dentro da própria definição de cultura, dentre eles:

Conjuntos de rasgos distintivos materiais e espirituais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social. Ela engloba artes e letras, modos de vida, direitos fundamentais ao ser humano, sistemas de valores, tradições e crenças. (MUNDIACULT; MÉXICO, 1982 *apud* PORTO, 2011, p. 94)

Ainda aborda o conceito de cultura a partir da definição de Max Weber e relida por Geertz (1989, p.4, *apud*, PORTO, p.95), que descreve o Homem como sendo um animal preso as próprias teias de significados tecidas por si mesmo, essas teias e a sua análise são compreendidas como cultura, logo, não entendida como uma ciência experimental que busca formular leis, mas como ciência interpretativa que busca significados.

No século XX a cultura passa a ser tratada como um sistema ou sistemas de significação, mediante os quais, uma dada ordem social é comunicada, vivida, reproduzida, transformada e estudada. Cultura torna-se então um vocábulo polissêmico e, mais que isso, em transformação, em um contínuo processo de ampliação e desdobramento de significados. Configura-se como palavra que a priori remete à nossa relação com o mundo, à civilização, ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. (CAMPOMORI, 2008, p. 75 *apud* PORTO, 2011, p.96).

Dentro dessas perspectivas OLINTO (2008, *apud*, PORTO, 2012, p. 97) reconhece sobre os diversos sentidos de cultura e afirma sobre a grande representatividade de estudiosos que asseguram que as concepções de cultura convergem, sutilmente, a ideia da dupla função de orientadora e de tradutora de processos comunicativos que se consolidam em vários sistemas simbólicos, em convicções e valores, tendo como função tanto de manutenção e reprodução de sistemas sociais quanto pela sua constante transformação.

3. PATRIMÔNIO: CULTURAL, MATERIAL E IMATERIAL.

Segundo Iphan (2012, p.12) etimologicamente, a palavra patrimônio deriva do latim *pater* que significa pai. A semântica do termo patrimônio faz referência ao que o pai deixa para seu filho, indica uma relação de tempo que nos antecede, isto é, são as relações mediadas por intervenção de objetos que acreditamos pertencer a uma herança coletiva. Portanto, a palavra patrimônio faz menção às riquezas e aos bens de uma pessoa, e foi com a Revolução Francesa no século XVIII que começou a adquirir o sentido de propriedade coletiva.

Para Pereira (2012, p.7), a ideia de patrimônio faz menção à riqueza que se constrói e é transmitida de geração a geração, sendo um legado que influencia a identidade dos indivíduos e grupos sociais. O caso que iremos apresentar remete-nos a questão cultural. Ainda destaca que a discussão sobre cultura brasileira e os bens que representam seu patrimônio, estão sendo discutidas há décadas, mas somente em 1936, com a criação do Serviço Federal do Patrimônio, que o país começou a pensar em políticas de preservação aos bens.

3.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

Segundo IPHAN (2012, p. 12), “O patrimônio Cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo”.

O conceito de patrimônio não está restrito apenas ao conjunto de bens materiais de uma comunidade ou população, mas também alcança tudo aquilo que as pessoas consideram de valor, mesmo que para outros grupos sociais isso não tenha a mesma importância.

Portanto, o patrimônio cultural está ligado às manifestações, representações e realizações de um determinado povo. Está presente em nosso cotidiano nas atividades e lugares: nas músicas, nas artes, nas danças, nos modos de fazer, criar e tudo o que produzimos, formando as identidades e definindo os valores de uma sociedade.

Com o tempo houve uma preocupação em preservar esses bens histórico-culturais de um grupo social, que pode, raramente, ocupar ou não determinado território. Os significados, assim como, as práticas, atribuídos aos bens culturais pode sofrer mudanças com o passar do tempo, podendo variar de um indivíduo para outro, de uma família para outra, de um bairro para outro.

O principal foco da preservação do patrimônio cultural é o fortalecimento da noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a

maximização do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida. Sendo assim, a ideia de patrimônio cultural está intrinsecamente ligada à noção de cidadania que por meio das políticas públicas, por exemplo, tem a participação do Estado através de leis, instituições, políticas e programas específicos. As escolhas e as decisões feitas partem daquilo que é considerado ser mais importantes pelas pessoas que diz respeito à sua cultura, sua história e que seja mais representativo à sua identidade, isto é, são os significados, os valores conferidos pelas pessoas a objetos, práticas culturais, até mesmo lugares, que os tornam patrimônio de uma coletividade.

Cecília Londres (2005, *apud* IPHAN. 2012, p. 5) expõe o conceito de patrimônio como sendo aquilo que criamos, valorizamos e queremos preservar.

Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e as obras de artes, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.

A partir do momento quando o cidadão se sente parte integrante de uma sociedade e uma comunidade é que dá valor às suas referências culturais. Essas referências ganharam o nome de bens culturais e podem ser entendidas como de natureza material ou imaterial.

3.2 O QUE É PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL?

Ainda há certa confusão em se entender o que é patrimônio quanto sua natureza material e imaterial. Os bens culturais materiais, dizem respeito aos objetos, aos edifícios, aos monumentos, documentos, paisagens naturais tudo que é palpável. Já os bens culturais imateriais referem-se aos saberes, às crenças, às práticas, às habilidades, aos modos de ser das pessoas. Os patrimônios imateriais vêm sofrendo graves ameaças decorrentes dos processos de globalização e da transformação social que provocam inúmeros atos de intolerância e pré-conceitos. Sendo assim, foi necessária a criação de meios para que pudessem fazer o levantamento, registro e reconhecimento dos bens imateriais, como o inventário nacional de referências culturais que é uma das ferramentas utilizadas para serem feitos estudos e pesquisas para o reconhecimento do patrimônio imaterial.

A UNESCO reconhece a importância de promover e proteger a memória e as manifestações culturais representadas, mundialmente, por monumentos, sítios históricos e paisagens culturais. Mas não somente os de aspectos físicos se constituem a cultura de um

povo. Há elementos contidos nas tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos aspectos e manifestações, transmitidos oral e gestualmente, recriados coletivamente e modificados com o passar do tempo. Essa parte imaterial da herança cultural dos povos dá-se o nome de patrimônio cultural imaterial. Desta maneira, temos o Marabaixo como representante da cultura Afroamapaense em processo de patrimonialização, pois em seu bojo temos a tradição oral representada pelos ladrões e pelas ladainhas, pela dança como forma de celebração à Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo (divindades cultuadas pelos marabaixeiros) durante o ciclo de Marabaixo e outras celebrações, pelos toques que traduzem a musicalidade das caixas de Marabaixo, pelas histórias e saberes que são transmitidos de geração a geração.

4. O QUE É O MARABAIXO?

Fernando Canto (2017) apresenta o Marabaixo como sendo uma manifestação cultural dotada de eventos ritualísticos que conta com intensa participação popular, além dos diversos colaboradores que contribuem para a realização desta festividade.

O Marabaixo é uma manifestação cultural dos amapaenses marcado por vários eventos ritualísticos que tem intensa participação popular e a presença de diversos atores como tocadores de caixas (tambores), cantadores e dançarinos, sendo eles, em sua maioria, descendentes de negros que habitavam as localidades de Mazagão Velho, Maruanum, Curiaú e os bairros do Laguinho e da antiga favela, hoje denominado Santa Rita, em Macapá. (CANTO, 2017, p. 11)

O Marabaixo é uma manifestação cultural afro-brasileira, que incorpora a dança de roda, percussão, canto e a gengibirra que é uma tradicional bebida ritualística feita de gengibre, cachaça, cravinho, água e açúcar a gosto. Essa manifestação cultural é fortemente associada às festividades de devoção aos santos católicos, “os santos festejados são a Santíssima Trindade dos inocentes, na favela, e ao Divino Espírito Santo e à Santíssima Trindade, no Laguinho” (VIDEIRA, 2014, p. 19). Sendo um elemento cultural de grande importância que o torna característico do estado do Amapá.

Figura 1: Altar dedicado à Santíssima Trindade



Fonte: Wellynhton Bezerra (2018)

Figura 2: Altar à Santíssima Trindade e ao Divino Espírito Santo



Fonte: AFOMAPA

Piedade Videira, através da Revista Palmares, elenca sobre os adereços que compõem o traje característico do Marabaixo que é formado “pela anágua, saia estampada, arranjo de flores de um lado da cabeça, blusa com folho, toalha sobre os ombros, adornos como: colares, argolas e pulseiras de cores variadas”. (VIDEIRA, 2014, p. 20)

Figura 3: Mônica Ramos



Fonte: AFOMAPA (2018)

A dança e as músicas do Marabaixo, cujos versos são conhecidos como ladrões são os principais elementos que o caracterizam e traduzem as histórias do lugar, a formação social amapaense e, sobretudo as histórias de vida da população negra local que trazem consigo nos gestos, nos ritmos e no cantar dos versos dos ladrões as marcas das lutas e das dores do povo negro.

Eu tenho fé em Deus
E mais na Sagrada Maria
Ora a quem Deus promete não falta
Serei feliz algum dia (...) (VIDEIRA, 2009, p. 159)

Ademais a Revista Palmares, por meio de Piedade Videira (2014, p. 20), apresenta algumas características presentes no verso ladrão, retirados de improvisos e rimados com a finalidade de satirizar, exaltar, criticar e elogiar pessoas e fatos que acontecem no cotidiano local, nacional e mundial. Algumas vezes pode conter evidentemente em uma única cantiga quatro dessas características que formam um jogo de disfarce nos versos.

Senhora minha vizinha
Vamo apanhar camarão
Caranguejo vai no leme
Sará no varejão (...) (VIDEIRA, 2009, p. 165).

A dança do Marabaixo expressa a mais viva tradição da “nação negra”, assim intitulada pelos moradores do bairro do laguinho, revive a herança histórico-ancestral de matriz africana no Amapá, ensinada pelos pais, avós e familiares em geral, que, passam adiante com alegria, orgulho e respeito aos mantenedores e participantes dessa celebração a memória individual e coletiva dos afrodescendentes amapaenses.

Dentro dessa manifestação cultural temos um período denominado ciclo do Marabaixo, festejo que é dividido em duas partes: o lado religioso e o lúdico, como afirma Piedade Videira (2009, p.101), em que o primeiro envolve ladainhas³ - nove para cada santo comemorado (Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade) são rezadas em latim popular, missas, oferendas e promessas.

³ As ladainhas são rezadas na casa do/a festeiro/a por volta das 19 horas se estendendo por uma hora aproximadamente (VIDEIRA, 2009, p. 129)

Figura 4: Adorando o Divino Espírito Santo



Fonte: AFOMAPA (2018)

Figura 5: Adorando a Santíssima Trindade



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

O segundo está voltado para a dança, momento que expressa à emoção em devoção aos santos e purificação da alma, celebrando honras ao Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, presentes nas cantigas e nos versos cantados dos ladrões de Marabaixo com auxílio de instrumentos de percussão, acompanhado da gengibirra, bebida ritualística que ajuda a manter a garganta durante a cantoria dos versos, do cozidão (comida típica servida durante a noite para dar sustento aos marabaixeiros).

Figura 1: Marabaixo no barracão do Mestre Pavão



Fonte: AFOMAPA (2018)

O ciclo inicia no Domingo de Páscoa, denominado como o primeiro Marabaixo e finaliza no Domingo do Senhor, o último Marabaixo, onde tem a derrubada do mastro e a escolha do novo festeiro. O festeiro é pessoa responsável em organizar o ciclo do Marabaixo, essa escolha se dá devido alguma graça alcançada, que como forma de agradecimento ele organiza a festa. Como afirma Piedade Videira (2009, p.128): “algumas pessoas se apresentam como interessadas pelo posto de festeiro, para que possam pagar promessas de graças alcançadas por entes queridos e por si”.

O mastro em frente de uma casa, pintado de vermelho e/ou azul, simboliza que nesta residência está sendo celebrado o ciclo do Marabaixo. O mesmo é retirado pelos marabaixeiros com muitas cantorias e com muitos toques da caixa, do Quilombo do Curiaú durante o sábado do mastro. Possuindo dois momentos para ser erguido, o primeiro no Domingo do mastro, referente ao Divino Espírito Santo e o outro é o Marabaixo da Santíssima Trindade.

Quando eles chegam com os mastros no domingo do mastro, eles devem estar colocados em frente à casa festiva. Eles levantam o primeiro, mas o segundo continua no chão até segunda-feira da Trindade. Depois de terminarem de plantar os mastros, a Festa está prestes a terminar.

Quanto aos significados desses mastros para os devotos do bairro e de as outras comunidades crentes, Joaquim Teófilo fez sua própria interpretação e explicou que quando uma pessoa olha para os mastros ele tem a convicção de que essa é a festa do Divino e da Trindade. Sempre que você olha para cima e vê uma bandeira vermelha, ela tem certeza de que esta é a festa do Divino, e se ela olha e vê a Bandeira branca e azul você já sabe que é a Festa da Trindade. (OLIVEIRA, 2012, p. 247-248).

Figura 7: Mastros do Divino Espírito Santo e da Santíssima Trindade



Fonte: AFOMAPA (2018)

Figura 8: Mastro da Santíssima Trindade



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

Outro elemento que faz parte do ciclo é a murta, uma erva encontrada na flora amapaense, que serve não somente para adornar o mastro, como também para protegê-lo do mau-olhado, tendo um momento específico para que os marabaixeiros possam buscá-la na casa de um amigo ou conhecido, a mesma é retirada do quilombo do Curiaú, e depois guardada na casa dessa pessoa. Na quarta-feira da murta é o momento em que é feito o cortejo da murta no bairro da Favela, Laguinho e Jesus de Nazaré em direção as igrejas presentes nessas localidades para a saudação ao santo que representa a igreja.

Figura 2: Cortejo da Murta



Fonte: AFOMAPA (2018)

Oliveira (2012, p. 244) ressalta que as mulheres preferem usar roupas novas no momento de festejar as murtas, caso contrário, não fará bem às murtas dos santos se não forem usadas tais roupas.

Portanto durante a murta do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade vestem as novas roupas que produziram durante o ano, também é muito importante que cada participante tenha um ramo em sua mão. Assim “seguem o cortejo elevando os galhos da murta, sorrindo, gritando, dançando, festejando e vivendo mais um momento esplendoroso do ciclo do Marabaixo” (VIDEIRA, 2009, p.193). E por fim, dirijam-se para a casa do festeiro, em que ocuparão o barracão dançando Marabaixo acompanhado com muitos fogos, euforia, saudações e gritos de liberdade, depositando a murta ao lado do barracão, pois será presa no mastro para enfeitá-lo e receber a bandeira do santo (a), para ser erguido às 6 da manhã do dia seguinte, destaca Piedade Videira (2009, p. 193).

Oliveira (2012, p.150) comenta sobre a peculiaridade em organizar a programação da festa, que se prolonga por dois meses e segue o calendário católico de celebração do Divino Espírito Santo e da Santíssima.

Segundo Piedade Videira (2009), viver o Marabaixo é uma forma de valorizar e reverenciar a história, memória e o respeito aos ancestrais africanos que foram arrancados de suas terras, escravizado e desde os tempos dos navios negreiros forçados a percorrerem a turbulenta travessia da África entre os continentes mar-a-baixo até o Brasil, daí a explicação da origem da palavra Marabaixo, e, mas, sobretudo da vivência desses negros nessas terras amapaenses contribuindo para formação da história e tradição do povo do Estado.

Sendo assim, podemos buscar entender parte da história de Macapá, através desse patrimônio imaterial que é o Marabaixo, por meio de suas cantigas e figurinos, que representam à manifestação cultural, à tradição, as lutas, as dores e esforço para manter a história e reafirmar a identidade cultural, tudo isso compõe um conjunto de práticas e simbologias, que permite que toda uma estrutura de sentimentos compartilhados possa despertar e reforçar as relações de pertencimento e tornar mais fortes os laços de identidade dos marabaixeiros ao Amapá.

Aonde tu vai rapaz
Por esses caminhos sozinhos
Eu vou fazer a minha morada,
Lá nos campos do laguinho (...)
(...) Eu cheguei na tua casa
Perguntei como passou
Rapaz eu não tenho casa
Tu me dá um armador. (VIEDIRA, 2009, p.152)

Esse verso de ladrão traduz um momento da história dos negros na capital amapaense em que foram retirados da frente da cidade para fazerem moradas no Laguinho, e isso é vivido até hoje por meio desses versos e com os toques das caixas, que remetem as lembranças dos fatos ocorridos no passado.

4.1. PERSEGUIÇÕES

Não poderemos deixar de lembrar de algumas perseguições sofridas ao Marabaixo durante seu processo de surgimento na sociedade amapaense. Fernando Canto (2017) ressalta as perseguições conduzidas pelo Padre Júlio Maria de Lombaerd, que esteve à frente da igreja católica durante o período do território do Amapá, no início do século passado, episódio no qual o mesmo quebrou a coroa do Divino Espírito Santo e impediu que os negros adentrassem

a igreja de São José de Macapá para que pudessem cultivar seus santos. Não devemos esquecer, também, os contínuos desentendimentos entre os missionários italianos e os praticantes do Marabaixo, como foi registrado em entrevista concedida por Dom Aristides Pirovano a Fernando Canto, em Marituba-PA. Na ocasião Dom Aristides Pirovano relatou que gostava muito do povo daqui, mas que “Folclore é folclore, religião é coisa séria e não podemos misturar as duas coisas. A igreja não é contrária a diversão do povo, mas não se pode misturar a água benta com o diabo”.

Com a chegada dos primeiros missionários do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras – Pime, em 28 de maio de 1948 revelam-se as relações entre a igreja e o Governo, cujo sistema é fortalecido ideologicamente e percebe-se, a partir daí, o enfraquecimento da cultura negra local, especialmente as festas populares entre as quais o marabaixo. (CANTO, 1998, pág.28)

Outro episódio marcante na vida dos marabaixeiros e que afetou suas práticas culturais foi quando, em 1943, o então nomeado governador do território federal do Amapá Janary Gentil Nunes chegou à Macapá em 1944, enviado para se fazer cumprir o plano estratégico de defesa e proteção das áreas de fronteiras de interesse a segurança nacional, fato este que levou à criação desse novo território da federação. Janary Nunes era simpatizante da teoria que pregavam a ideia de branqueamento como sinônimo de progresso. Foi durante sua gestão que se iniciou o processo de urbanização da frente da cidade de Macapá causando assim o deslocamento de famílias negras tradicionais do centro para áreas mais distantes como os bairros do Laguinho e da favela, este último conhecido atualmente como bairro Santa Rita. Desta maneira, o ciclo do Marabaixo que até aquele momento era realizado de forma conjunta por todos os marabaixeiros acabou se dividindo devido o deslocamento dessas famílias. Sendo realizado a partir de então tanto no Laguinho, pelo mestre Julião Ramos, quanto no bairro Santa Rita (antiga Favela), pela dona Gertrudes.

Para execução de seus objetivos Janary Nunes adotou o processo de entendimento e conciliação, oferecendo emprego aos jovens, “distribuindo parcelas de responsabilidade na administração” (Cunha: 1954) e usou de cordialidade para os moradores mais velhos: chefes patriarcais de famílias tradicionais e líderes de festas religiosas e populares. Essa tática foi fundamental para que o governador pudesse urbanizar Macapá, através de um grande remanejamento de famílias do centro (em cujos arredores existiam roças de mandioca) para lugares mais afastados como Laguinho, Santa Rita e o Igarapé das mulheres (hoje bairros do laguinho, Santa Rita e Perpétuo Socorro, respectivamente). Todavia tal fato não teria acontecido de maneira pacificamente não fosse à intervenção de Julião Thomaz Ramos (1876-1958) líder do Marabaixo, que cooptado, conseguiu persuadir os habitantes da Vila de Santa Egrácia (centro da cidade de Macapá) a se mudarem para lugares citados acima. (CANTO, 1998, pág. 28)

As perseguições contra a manifestação cultural do Marabaixo não ficaram no passado, há recentes casos que demonstram a intolerância, o desrespeito e o preconceito sobre esse bem cultural. Como nos relata a dona Marilda Costa, membro da comunidade reconhecida como Associação Berço do Marabaixo (barracão da tia Gertrudes):

Dificuldades? A principal é aquela que todo mundo diz que não existe que é o preconceito, que é o racismo, infelizmente. Foi instituído o dia estadual do Marabaixo em 2008/2009 foi por causa exatamente de represaria que se sofreu, tanto Laguinho quanto aqui. Nós dançamos Marabaixo com um pelotão de polícia armada na frente da casa por que denúncia de autoridade de um determinado juiz, que eu não sei o por quê!. Aqui, nesse barracão existe Marabaixo desde mil novecentos e me esqueci, esse “me esqueci” talvez seja oitenta e por aí. Então, e já devia saber que existia e que, né? E por outro lado, essa é a maior dificuldade que a gente encontra.

Devido ao crescimento da cidade e a realização do ciclo do Marabaixo se estender durante quarenta dias, há queixas por parte de alguns moradores que vivem próximos aos barracões e que se sentem incomodados pelos sons que ecoam das caixas durante as rodas de Marabaixo. Episódios como este citado por dona Marilda Costa são quase que frequentes no decorrer das festividades. Piedade Videira (2009), em sua obra, também demonstra relatos de marabaixeiros entrevistados por ela e que são bem parecidos aos casos de intolerância e preconceitos raciais e culturais relatados a cima.

5. LEGISLAÇÃO

Com o objetivo de garantir a todos o acesso ao pleno exercício dos direitos culturais, nossa legislação no artigo 215 da Constituição Federal de 1988 almeja apoiar e incentivar a valorização, a difusão das manifestações culturais, e facilitar o acesso às fontes da cultura nacional. O Estado visa proteger as manifestações culturais populares, tanto indígenas, afro-brasileiras e de outros grupos que participaram do processo civilizatório nacional. Demonstrando a importância na presença das datas comemorativas com suas fixações em lei para os vários grupos étnicos existentes no país. Visando estabelecer um Plano Nacional de Cultura, buscando o desenvolvimento cultural nacional e integrar as ações do poder público.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:

I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;

II - produção, promoção e difusão de bens culturais;

IV - democratização do acesso aos bens de cultura;

V - valorização da diversidade étnica e regional.

Assim como no artigo 216, da C.F 88, que reconhece como patrimônio cultural brasileiro tanto os bens de natureza material quanto os bens de natureza imaterial, tantos os tomados individualmente ou em conjunto, que trazem consigo referência à identidade, à ação, à memória dos diversos grupos formadores da sociedade brasileira. São através das políticas públicas de cultura, democráticas e permanentes, entre os entes da federação e a sociedade, que surge o esforço para alcançar o objetivo de promover o desenvolvimento humano, social e econômico com pleno exercício dos direitos culturais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

De acordo com o artigo 6º- I e II do decreto 3.551/ de agosto de 2000, cabe ao Ministério da Cultura assegurar toda documentação para processo de registro de bens culturais, como também a documentação por todos os meios técnicos admitidos, e cabe ao IPHAN a competência de manter banco de dados contendo o material produzido durante a instrução do processo e ainda a ampla divulgação e promoção.

Para que haja o registro do bem cultural, exige-se a inscrição desse bem em pelo menos um ou mais dos seguintes livros citados pelo mesmo decreto. Esta inscrição tem como objetivo sempre manter como referência a continuidade e a relevância nacional desse bem para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira. Esse registro poderá ser feito em um dos seguintes livros, como está previsto nos incisos I, II, III e IV do §1 do artigo 1 do decreto 3.551/ 2000:

- I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;
- II - Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
- III - Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
- IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Embora a Constituição Federal de 1988 reconheça que há os bens culturais de natureza material e imaterial. As ações do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) estiveram mais voltadas a preservar e proteger os bens materiais. Devido essa forma de atuação por parte do instituto, fez-se necessária a criação de ações que viessem a dar a devida atenção também aos bens de natureza imateriais. Sendo assim, Marli Costa & Ricardo Castro (2008) abordam que “o Decreto nº 3551, criado em 04 de agosto de 2000, significa uma tentativa de assegurar a existência de bens culturais de natureza imaterial que constituem Patrimônio Cultural Brasileiro”. Dentro desta concepção tem a elaboração do Inventário Nacional de Referências Culturais, promovida pelo IPHAN, com o intuito de identificar, sistematizar e produzir informações necessárias sobre o bem cultural.

5.1. O INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS

Seguindo as diretrizes e metas estabelecidas em nossa lei maior, a constituição federal de 1988, as ações realizadas pelo Estado e outras entidades que buscam junto com o apoio das comunidades promover a execução de projetos a fim de tornar possível o processo de registros dos bens culturais brasileiros, garantindo a salvaguarda e ainda por meio de um inventário identificar e proteger os bens culturais existentes por todo o país. Como está previsto no artigo 216, parágrafo 1º:

§ 1º O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia vinculada ao Ministério da Cultura, responsável pelo registro e preservação do Patrimônio Cultural brasileiro. Entretanto, não cabe apenas ao IPHAN a responsabilidade de preservar o

patrimônio cultural brasileiro, as ações de propostas envolvem um trabalho conjunto com o Ministério da Cultura, órgãos públicos, entidades privadas e os cidadãos, principalmente as pessoas onde a manifestação cultural ocorre, sendo responsabilidade de todos cuidarem destes bens para que as gerações futuras tenham a chance de conhecê-los.

Quando o Iphan registra um bem, entre outras coisas, ele se obriga a continuar promovendo a documentação de tudo que acontece com essa manifestação cultural e a continuar apoiando a existência dessa prática. Entretanto, para que a preservação realmente ocorra, deve haver interesse e envolvimento das pessoas do lugar em cuidar de seus patrimônios. Preservar o patrimônio cultural brasileiro é responsabilidade não só do ministério da cultura, do IPHAN e dos órgãos públicos, mas também de organizações coletivas em geral e dos cidadãos. (IPHAN, 2012, p.30)

A superintendência do IPHAN no Amapá promoveu durante todo o ano de 2013 o Inventário Nacional de Referências Culturais do Marabaixo. Que serve como um instrumento para identificação, reconhecimento e documentação de bens culturais. O Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) possibilita identificar bens culturais que resgatam às referências culturais de um determinado lugar ou grupo, através do qual, é possível sistematizar e produzir conhecimento sobre o bem cultural em si e sobre diferentes aspectos relacionados à sua existência, identificando fragilidade para salvaguarda desse bem, essas ações buscam apoiar e preservar à manutenção da manifestação cultural identificada.

O INRC do Marabaixo realizado pelo IPHAN foi desenvolvido nos municípios de Macapá e Mazagão e contou com trabalho sistemático de descrição e documentação dessa manifestação cultural. Através dos registros documentais produzidos, novas fontes de pesquisas são possíveis para compreender melhor entendimento sobre o valor cultural atribuído ao Marabaixo e sobre a dinâmica e os aspectos relacionados a essa manifestação cultural pela comunidade marabaixeira, com a finalidade de construir ações que possam contribuir para a valorização, apoio e preservação para manter viva a tradição do Marabaixo.

Para tentar compreender mais sobre a importância da contribuição do inventário para a questão da patrimonialização do Marabaixo, elaboramos questionários com a intenção de obter informações dos técnicos e responsáveis da superintendência do IPHAN no Amapá sobre as fases do processo de registro desta manifestação cultural e aplicamos questionários nas comunidades Berço do Marabaixo e Mestre Pavão a fim de coletar os relatos dos participantes acerca do pedido de patrimonialização. O tópico seguinte trata dos resultados da pesquisa de campo em relação à proposta do registro do imaterial, as repercussões entre os

membros que constituem essa manifestação cultural, o contexto atual que se encontra o Marabaixo e o seu significado na vida dos marabaixeiros.

6. RESULTADO DA PESQUISA DE CAMPO

6.1. A PROPOSTA DE PATRIMONIALIZAÇÃO E O INVENTÁRIO DO MARABAIXO

Em entrevista com Evandro Barros Neto chefe da divisão técnica do IPHAN e com Adrian Barbosa estagiária do IPHAN, eles nos contaram sobre a proposta de patrimonialização do Marabaixo e como ocorreram as mobilizações dos grupos marabaixeiros, com o objetivo de torná-lo um patrimônio cultural imaterial brasileiro. Segundo a Adrian Barbosa, é necessária que haja provocação junto ao IPHAN pelos grupos interessados nesse processo de reconhecimento do patrimônio imaterial.

Para se abrir um processo sobre patrimônio imaterial é preciso que o IPHAN seja provocado. Então, havia uma mobilização por parte dos grupos de Marabaixo para que eles tornassem o Marabaixo um patrimônio nacional, mas só que esse processo ainda tá correndo porque o Marabaixo ainda não se tornou, ainda não foi registrado como patrimônio, ele ainda está em processo. (Adrian Barbosa)

Essa mobilização ocorreu graças ao comitê gestor formado por algumas lideranças do Marabaixo que procuraram o IPHAN para solicitar informações técnicas sobre como elaborar um texto para pleitear a vaga de registro do Marabaixo, foram feitas oficinas no IPHAN e nas sedes dos grupos marabaixeiros para ajudar na construção desse texto que tem por finalidade esclarecer o que é o Marabaixo e o sentido que tem para os integrantes dessa manifestação cultural, contribuindo assim para a elaboração do inventário: “E aí, foi construído um texto, esse texto tá no inventário, tá lá no processo de inventário, e aí a partir disso começou a se fazer os estudos sobre o Marabaixo, fizeram o inventário” (Adrian Barbosa).

Evandro Barros Neto é chefe da divisão técnica do IPHAN, setor que é responsável pela elaboração dos projetos, ressalta: “o que eu posso te dizer é que quem começou com essa primeira ligação com o Marabaixo foi uma moça chamada Helena, que trabalhava aqui antes do setor técnico e antes dela foi a Juliana”. Em resumo ao que a Adrian Barbosa falou, ele explicou:

Então o quê que acontece: houve uma mobilização entre eles, provocaram o IPHAN, e o IPHAN a partir desse momento passou articular essas mobilizações, em 2010, se não me engano. Então foi feito várias visitas técnicas, esses relatórios foram colocados. O primeiro trabalho que foi do Marabaixo foi aquele inventário. (Evandro Barros Neto)

Após a provocação houve a entrega dos documentos necessários para que possa ser feito o registro do Marabaixo como patrimônio imaterial. E então, a superintendência do IPHAN analisa as informações referentes ao Marabaixo e em seguida coloca no plano de ação que depende da aprovação de Brasília. Logo após a aprovação, a equipe do IPHAN terá um calendário para executar durante o ano inteiro esse plano de ação, que consiste em: ir às comunidades, fazer relatórios e coletar todas as informações necessárias para o processo de registro. j

Olha só, primeiro se pega o plano de ação pro ano que vem, esse plano de ação é aprovado, tem uma verba pra isso. Aí, você tem que fazer um projeto, esse projeto tá aqui os objetivos – isso ainda não é o Marabaixo – isso aqui, os caras foram provocados em reuniões, né? Então vamos colocar no plano de ação, aí eles começam a trabalhar. E aí, se faz um projeto, quem fez esse projeto aqui foi o Djalma que era da divisão técnica. A divisão técnica é que elabora esses projetos. (Evandro Barros Neto).

Um passo importante dentro de todo esse processo é o planejamento feito pela divisão administrativa e a construção do projeto pela divisão técnica que servirá de base para a elaboração do edital e para se ter acesso aos recursos necessários que serão usados, posteriormente, para a execução do plano de ação pelo IPHAN. O lançamento do edital visa escolher a empresa que será contratada para fazer a pesquisa para a elaboração do inventário. Esse inventário feito pelos pesquisadores contratados não é publicado de imediato, pois ele antes precisa passar pela apreciação do IPHAN em Brasília que irá fazer as devidas correções e verificar se os conteúdos das pesquisas não fogem do que realmente se entende sobre o Marabaixo.

Aí, o que acontece: esse registro vai sair de todo esse trabalho aqui (inventário), vai sair juntos com conversas que se tem com os marabaixeiros que participam do comitê e outros grupos e, também, de relatórios. Tem outro processo que tem os relatórios da Valeda, que foi o máximo de grupos que ela encontrou e conseguiu conversar e perguntar sobre o que é o Marabaixo e ela escreveu tudo detalhado como é que é. A pessoa que vai vim, vai sentar pra analisar tudo isso. Então esse é o processo. (Evandro Barros Neto)

Eles informaram que existem dois tipos de inventários sobre o Marabaixo, sendo que um complementa o outro, um elaborado em 2012 e o outro em 2014, um com o foco nos

aspectos gerais e o outro focado no ciclo do Marabaixo. Juntos, eles formam o dossiê do Marabaixo que é o conjunto de todos os documentos, registros e informações inerentes ao todo que compõe o Marabaixo, aos hábitos, costumes e a tradição dentro da cultura dos marabaixeiros.

Então um completa o outro, mas os dois são inventários. E aí, quem for fazer o dossiê que é o próximo passo, ele vai ter que analisar esse inventário, fazer outras mobilizações pra poder leva esse processo pra registrar, e aí o Marabaixo vai se torna um patrimônio imaterial. (Adrian Barbosa)

Daí, com a supervisão, apreciação e aprovação da superintendência do IPHAN em Brasília, o Marabaixo será registrado e reconhecido como patrimônio cultural imaterial. Como ressalta Evandro Barros Neto:

Ele se torna patrimônio imaterial depois da apreciação, um pesquisador ou pesquisadora é contratado por meio de edital. É lançado um edital pra poder falar sobre. Várias pessoas se inscrevem que tenham aquele perfil, pessoas do Brasil inteiro se inscrevem nisso aí. [...] E aí, passa-se por uma apreciação, e essa apreciação é o pessoal de Brasília, existe um comitê pra isso, os grandes nomes aí de Brasília, chama esse pessoal pra ler e ter essa apreciação e, a partir daí, é colocado como registro do imaterial.

Contudo, chega à fase do plano de salvaguarda, onde se sugere de que forma o Estado e a Sociedade, em parceria com outras entidades de caráter público e/ou privado, atuarão a partir de então para proteger e preservar os bens culturais que integram o Marabaixo, dando todo o apoio para que haja condições que permitam a continuidade da manifestação cultural registrada e proteção da memória cultural brasileira. Para isso, o IPHAN deve apoiar as ações que busquem a autodeterminação e a organização desses grupos para que possam fazer a gestão da salvaguarda de seu patrimônio. Assim, com o intuito de fortalecer os laços de identidade e criar ferramentas que busquem aproximar a sociedade dessa cultura, encurtando o distanciamento que há entres os indivíduos que estão inseridos nesse contexto.

Nós sabemos que o Marabaixo é reconhecido pelo estado como uma cultura. Como se fosse à cultura mãe do nosso estado. Mas os próprios marabaixeiros perceberam, quem convive nesse meio percebe bastante que há um distanciamento dos amapaenses dessa cultura. E tendo o distanciamento é necessário que os próprios agentes desse contexto eles busquem ferramentas, busquem maneiras que possam subsidiar essa aproximação, por quê? Porque é necessário a gente manter, reafirmar e perpetuar essas culturas, essas ancestralidades. Então, esse foi um dos propósitos, talvez o principal. É buscar uma ferramenta nacional onde a gente possa mostrar, olha: apesar de sermos os principais, não somos só nós que reconhecemos o Marabaixo como um patrimônio. (Adrian Barbosa)

É notório que há uma preocupação comum da comunidade marabaixeira em assegurar a cultura do Marabaixo no estado do Amapá, pois com o passar dos tempos eles perceberam que suas raízes aos poucos estavam se perdendo constituídas por novas mudanças dentro da estrutura que compõe essa manifestação cultural e principalmente a sensação do não pertencimento da sociedade perante a cultura afroamapaense, eles buscam medidas através das instituições como o IPHAN com objetivo de garantir que sua cultura, sua tradição e sua identidade não se percam com os avanços da modernidade, para que não sejam inseridos outros elementos que não condizem com o Marabaixo.

6.2. REPERCUSSÕES SOBRE A PATRIMONIALIZAÇÃO

O processo de reconhecimento do Marabaixo como patrimônio cultural imaterial provocou debates e opiniões entre os membros das comunidades marabaixeras, especificamente as que o representam na cidade de Macapá. As quatro principais comunidades com maior representatividade e que realizam as festividades do ciclo do Marabaixo na capital amapaense, a Associação Berço do Marabaixo (Barracão da tia Gertrudes), localizadas no bairro Santa Rita, denominado por eles como Favela, nome pelo qual o bairro era conhecido antigamente, barracão da Dica Congó situado no centro da cidade, Mestre pavão no Jesus de Nazaré e Associação Tia Biló, localizada no Laguiño, uniram-se através de um comitê gestor para discutir a importância do Marabaixo para a cultura amapaense e a preservação dos elementos que o constituem, como também os aspectos que compõem seu ciclo, com intuito de buscar políticas públicas para difundir, valorizar e fortalecer os laços de identidade do povo com essa manifestação cultural.

Figura 3: Barracão da Tia Gertrudes



Figura 4: Barracão do Mestre Pavão



Fonte: AFOMAPA (2018)

Durante a entrevista com a dona Marilda Costa, de sessenta seis anos, participante da Associação Berço do Marabaixo, ela nos informou que antigamente o Marabaixo era comemorado no centro da cidade e onde eram cultuado o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade todos juntos, não havia a separação em comunidades do Marabaixo como há atualmente.

O Marabaixo ele era comemorado no centro da cidade, antigamente. Depois, pela história do nosso estado, que vocês sabem, o desmembramento, a retirada dos negros da frente da cidade, houve exatamente a separação dos Marabaixos, por quê? Porque a maior parte da população negra que viviam dançando e cultuando o Marabaixo, cultuando o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade, eles moravam todos juntos, com esse deslocamento, a grande maioria foi pro Laguinho, mas uma parte veio pra Favela, que eles chamam. (Marilda Costa, 66 anos)

Devido às ações do governo de Janary Gentil Nunes⁴, nas quais denotavam o preconceito institucional para com os negros que residiam na frente da cidade durante sua gestão, que afetaram as comunidades marabaixeiras e que causaram seu deslocamento do centro da cidade para os bairros do Laguinho e da Favela provocado pelo processo de urbanização de Macapá, esta e outras situações contribuíram para que houvesse certo enfraquecimento nas relações sociais e acabou criando um distanciamento entre os grupos que outrora eram um só. Esses fatos tentaram contra a memória e à tradição das famílias negras amapaenses, que procuram desenvolver suas atividades culturais para que não se percam os

⁴ Janary Nunes governou o Amapá desde 1943 e ainda foi deputado federal de 1958 a 1970. O governo de Janary Nunes promoveu a segregação espacial dos afrodescendentes, com o remanejamento dessa população do centro da cidade, e uma explícita divisão racial do trabalho. (VIDEIRA, 2009, p.195)

costumes e hábitos repassados por seus familiares e participantes através do Marabaixo. São essas famílias tradicionais que coordenam todas as atividades da tradição herdada de seus antepassados para que o Marabaixo possa continuar acontecendo no estado do Amapá. Com o tempo o Marabaixo e o ciclo do Marabaixo sofreram algumas mudanças, bem como a forma de dançar, criar os ladrões e de tocar as caixas, surgem novas características que reconfiguram alguns aspectos dentro da cultura marabaixeira.

Reconhecer o Marabaixo como patrimônio cultural imaterial é uma forma de garantir e protegê-lo legalmente Valdinete Costa, de quarenta e oito anos, membro da associação Berço do Marabaixo, elencou a importância da patrimonialização para o Marabaixo, demonstrando suas expectativas em relação à proposta de reconhecimento e salvaguarda, reafirmando o motivo pelo qual as lideranças se mobilizaram para provocar o IPHAN.

Ele pode trazer muitos benefícios de valorização que a gente ainda não tem, é exatamente essa garantia de ter políticas públicas mais voltadas para o Marabaixo a partir do momento que ele se torna um patrimônio imaterial do Brasil, ele começa abranger, óbvios que se têm os seus ritos, por isso que a gente já trabalha junto com o processo de patrimonialização, a gente já trabalha a Salvaguarda do Marabaixo pra quê a gente não possa perder a nossa essência, transformá-lo em patrimônio sem perder as suas origens e sem perder as suas essências, então por isso, a gente entende e tem certeza nessa valorização, difusão que possa ter de políticas traçadas para o Marabaixo a partir dessa patrimonialização. (Valdinete Costa, 48 anos)

Mônica Ramos, de cinquenta e um anos, é moradora do bairro do Jesus de Nazaré e pertence à comunidade do Pavão, filha do mestre Pavão, o patriarca da comunidade. Ela nos contou a sua preocupação a respeito do preconceito que o Marabaixo vem sofrendo desde o passado, e nos informou que o Marabaixo é pouco divulgado nas escolas e faculdades, e que tem pouco apoio do Governo e pouco alcance em relação à sociedade e ao público jovem. Além disso, Mônica Ramos destaca as mudanças decorrentes da modernidade que afetaram os elementos do Marabaixo com o passar do tempo, as vestimentas, o toque das caixas, os versos dos ladrões, comparados com a maneira que se fazia antigamente, segundo ela, vem perdendo força. No tocante a música, a marabaixeira relata que no passado todo fato ocorrido no dia a dia era algo para se compor os versos de ladrões de Marabaixo, as letras traziam consigo a realidade e a vivência social. A perspectiva de Mônica Ramos, em relação à patrimonialização do Marabaixo, está voltada ao apoio cultural para a realização do ciclo do Marabaixo e para sua valorização pela sociedade, pois ela almeja a expansão do Marabaixo pelo Brasil e pelo mundo, através de mobilizações dos grupos marabaixeiros para apresentar sua cultura no aeroporto, na rodoviária, nos monumentos históricos e em outros lugares de acesso ao público na cidade macapaense, assim contribuindo para atrair o turismo e servir como um meio para

recepcionar os visitantes que buscam conhecer as manifestações culturais do estado. Pois a mesma alega não possuírem materiais de divulgação do Marabaixo para os turistas que visitam a cidade, fazendo uma analogia do Marabaixo a uma flor que precisa desabrochar para conquistar seus objetivos.

[...] Se vocês levarem o Marabaixo vão dizer que é macumba, festa de preto e que Marabaixo só significa cachaça e dança, ele não tem significado em nosso estado, se vocês forem procurar jovens mesmo na faculdade eles vão tirar sarro da cara de vocês, mas é uma festa cultural, queira ou não queira nós vamos ter que levantar esse Marabaixo, [...] porque os ladrões de Marabaixo de antigamente não são que nem os de hoje, os de hoje são mais fracos que de antigamente, antigamente tudo que acontecia eles faziam as músicas do Marabaixo, entendeu? Então, pro tempo de antigamente pro de agora ele já caiu 20% em tudo: vestimenta, toque de Marabaixo, cantigas de Marabaixo, então já teve uma queda muito grande, por isso que nós estamos querendo tombar o Marabaixo, porque se a gente tombar, nós vamos ter apoio cultural, porque o nosso governo ele pouco dá apoio pra gente, porque pra se fazer um ciclo de Marabaixo que são três meses de programação, [...] então o nosso Marabaixo ainda está escondido em uma flor, essa flor dela ainda não abriu, não desabrochou tá faltando muito pra essa flor abrir se tiver o IPHAN para abrir a porta para o Marabaixo, enquanto ele não abrir a porta para o Marabaixo, o Marabaixo não vai se expandir. (Mônica Ramos, 51 anos)

Ante os fatos históricos, as perseguições contra os grupos de Marabaixo e o desconhecimento de boa parte dos amapaenses sobre o que essa manifestação cultural de origem africana representa para o estado do Amapá e para o Brasil. Essas foram algumas das razões que levaram os líderes dos grupos marabaixeiros a unir forças e organizarem-se em prol de alcançarem apoio por parte das entidades governamentais competentes, visando por parte dessas a criação de ações públicas que possam vir a tornar o Marabaixo um bem cultural imaterial nacional.

Figura 5: Retirada do Mastro



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

Buscando entender as repercussões que surgiram entre os grupos de Marabaixo sobre o assunto patrimonialização, questionamos algumas pessoas que estão à frente das reivindicações e mobilizações perante o registro da manifestação cultural como patrimônio imaterial. No barracão da Tia Gertrudes, à associação Berço do Marabaixo, localizado na Favela, a entrevistada Valdinete Costa que é uma das responsáveis pela realização das festividades do ciclo do Marabaixo, nos informou na ocasião, quando perguntada se teve conhecimento sobre o processo de registro do Marabaixo e se ela fez parte do grupo que provocou o IPHAN com o pedido da possível transformação da manifestação cultural em patrimônio imaterial, a mesma ainda nos informou que a sua comunidade recebeu inicialmente a equipe de pesquisa do IPHAN com o intuito de planejar a possível transformação do Marabaixo em patrimônio imaterial.

Sim, sim, nós somos umas das pessoas. O grupo berço do Marabaixo ele recebeu a equipe inicialmente de pesquisa, veio com a proposta da gente sentar para planejar e uma possível transformação do Marabaixo como patrimônio imaterial, mas pra isso ele precisa ouvir toda a comunidade marabaixeira e nós fomos umas das pessoas que estávamos lá dentro do comitê gestor que foi feito, escolhido pela própria comunidade, cada comunidade escolheu um representante para fazer parte do comitê gestor. E nós estávamos lá. (Valdinete Costa, 48 anos)

O processo de patrimonialização não se deu de maneira isolada entre os grupos, cada associação de Marabaixo tinha uma pessoa envolvida na elaboração do inventário do Marabaixo e de seu ciclo. Mônica Ramos comentou a respeito de como se deu esse processo:

Nós trabalhamos nesse processo, esse processo ainda está muito lento porque já era pra ele ter tombado que nós já estamos mais de quatro, cinco anos trabalhando nesse projeto para que acontecesse esse tombamento, mas como ainda estamos na salvaguarda e ainda tem mais um processo pra poder acontecer o tombamento. E participamos da comissão, inclusive teve uma paradinha agora com o novo presidente do IPHAN, [...] agora nós tamos só esperando à salvaguarda, [...] E já estão entrando novas pessoas, mas o primeiro começou com os componentes do ciclo do Marabaixo que era os quatros Marabaixo, era os dois do Laginho e os dois da Favela e agora está sendo ampliando pra mais grupos pra que nós pudemos fechar o processo da salvaguarda.

A proposta para transformar o Marabaixo em patrimônio imaterial tem como foco assegurar que as mudanças sociais e culturais não modifiquem os aspectos que envolvem o ciclo e a dança do Marabaixo no decorrer do tempo, fortalecer os laços de identidade cultural diminuindo a sensação de não pertencimento dos indivíduos para com a manifestação cultural amapaense e trabalhar políticas públicas que possibilitem a valorização do bem cultural. Alcançando desde os maiores aos menores grupos que contribuem para sua difusão.

Incentivando a cultura como modo de socialização diante da sociedade, demonstrando a religiosidade presente em sua festividade e resgatando à memória e à tradição negra no estado do Amapá.

7. O MARABAIXO NO CONTEXTO ATUAL

No atual cenário as rodas de Marabaixo apresentam mudanças decorrentes do processo de globalização trazido pela modernidade, alguns de seus elementos não resistiram à interferência provocada pelo avanço do crescimento das cidades amapaenses. Assim como a cultura não se mantém inalterável, o Marabaixo está sujeito as alterações que emergem das relações sociais e culturais entre os indivíduos de diferentes grupos e sociedades. Tais mudanças são notáveis no tocar das caixas, nos versos dos ladrões, nas roupas e no público que se torna mais abrangente, alcançando cada vez mais crianças, jovens e adultos.

No tocante as transformações relatadas pelos marabaixeiros sobre as mudanças que afetam o Marabaixo no decorrer do tempo estão relacionadas à maneira de tocar as caixas e de compor os novos ladrões de Marabaixo, pois, atualmente, o ritmo mais acelerado do tocar das caixas torna à dança mais dinâmica e mais difícil de ser acompanhada pelas pessoas de mais idade. No entanto, há essa preocupação pelas pessoas idosas que dançam e cantam o Marabaixo, pois elas não conseguem acompanhar o novo ritmo, sendo assim, muitas vezes deixando de dançar e cantar determinado ladrão. Como relata dona Naira Sousa, de sessenta e três anos, participante da comunidade do Mestre Pavão: “eu sou de antigamente, né? E esse pessoal mais novo já tão tirando ladrão novo que a gente não sabe e tão tocando muito rápido e eu não canto com uma pessoa tocando rápido, já sou do ritmo dos velhos, só no ritmo da caixa devagarzinho, eu faço”. Além disso, há um novo modelo das indumentárias dos marabaixeiros caracterizadas por cores mais vibrantes e alegres, e que também servem para representar cada grupo de Marabaixo, que padronizam suas vestimentas para identificar durante as apresentações a qual comunidade pertence. Sempre acompanhando a modernidade, mas sem perder sua essência, como relata dona Marilda Costa: “Mas a cada ano as roupas estão ficando mais bonitas porque a modernidade dos tempos que tá levando elas produzirem e ficarem mais bonitas, mas elas sempre sem perder as características antigas, né?”. Assim como as indumentárias, o ritmo sofreu modificação tornando-se mais rápido devido a interação com outros ritmos fora do Marabaixo.

7.1. O RITMO DO MARABAIXO

Torna-se cada vez mais evidente a mudança quanto ao ritmo do Marabaixo quando os mais jovens assumem o lugar dos mais velhos, avocando para si a responsabilidade de tocar as caixas e de manter a tradição.

Figura 6: Jovem tocando caixa



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

Contudo, essa juventude traz consigo uma nova mentalidade que acaba deixando, quase que inevitavelmente, a sua marca nos antigos compassos dos ladrões de Marabaixo, tornando-os bem mais ritmados, e ainda influenciando a criação de novos ritmos e agregando um público de diversas faixas etárias em suas festividades. Dona Marilda Costa comenta sobre esse novo ritmo que está presente no Marabaixo, explicou sobre o que representa o ritmo de antigamente e explana sobre os instrumentos que fazem parte da cultura marabaixeira diferenciando-o do batuque.

Hoje, já tem muita gente compondo músicas novas, e elas são mais ritmadas porque existe dentro dos tambores, do batuque do Marabaixo existe uma diferença exatamente pelo ritmo, né? O tambor do batuque ele é mais ritmado e ele é batido com as mãos, do Marabaixo é a caixa que é com a baqueta, e eles tem mais, eles expressam mais aquele sentimento de nostalgia no Marabaixo. Por isso que você ver que tem músicas lentas, algumas assim que exprimem saudade de situações longínquas.

Mônica Ramos também relata sobre essa diferenciação de ritmos que se faz presente no toque das caixas de Marabaixo.

Antigamente, ele era ritmado, era um toque de ritmos escutava a cantadeira cantar, hoje é acelerado que pouco eles escutam a pessoa que tá cantando e já tem um pouco de aceleração nos toques, pra que elas fiquem mais ritmadas e mais rápidas, mas o toque não era assim, eles eram ritmados e mais lentos, porque agora é uma nova juventude que tá trabalhando. Mas, ainda, os que ainda tão vivo como o seu Manzoca, como as pessoas mais antigas, eles tentam puxar, esses jovens para o toque antigo, porque o toque antigo é um espetáculo, tem que escutar o toque antigo e o toque atual, o atual é os jovens pra eles o Marabaixo mais acelerado é melhor e para as pessoas idosas o toque mais lento e mais vozes é mais gostosa e mais ritmadas.

No barracão da Tia Gertrudes, Valdinete Costa nos aponta uma das possíveis causas da modificação que afetou a música e o ritmo com o tempo e ainda explicou como eram tocados os tambores de Marabaixo antigamente: “Oh! Os tambores de Marabaixo antigamente eram bem compassados, as músicas bem mais melodiosas, bem mais era a tristeza, o lamento que se cantava, que se tocava Marabaixo”. Para ela, foi necessário que a música tradicional se flexibilizasse para se adequar aos novos ritmos musicais, diminuindo assim a disputas para com estes, para que o Marabaixo pudesse alcançar e agregar mais pessoas da sociedade.

Porque o Marabaixo ele disputa com vários outros ritmos, então como a gente quer agregar até a própria juventude, as crianças, a gente procura fazer o Marabaixo um pouquinho mais ritmado, um pouquinho mais com swing como forma de agregar e trazer as pessoas pro salão, você até observa quando é uma, é bem nítido a gente observar, quando é uma música mais tradicional calma você vê quase ninguém no salão, quando é uma música mais ritmada, alegre todo mundo levanta e grita, então é aquela coisa de chamar mesmo a atenção, de chamar mesmo as pessoas para virem para a roda. (Valdinete Costa, 48 anos)

Portanto, mesmo que as mudanças em relação ao ritmo sejam com a intenção de agregar um público mais jovens e de trazer mais e mais pessoas para apreciar as festividades do Marabaixo. Existe, por outro lado, uma contrapartida em relação às alterações que essa manifestação cultural vem sofrendo decorrente das disputas com vários outros ritmos, preocupação esta que faz com haja a necessidade do plano de Salvaguarda, para que tais transformações que tornam as músicas do Marabaixo mais ritmadas, não venham a provocar em sua essência a descaracterização dos elementos que o compõem. Acompanhado com o ritmo temos os ladrões de Marabaixo que agora se tornam temático e expressam sua criticidade pelos marabaixeiros.

7.2. LADRÃO DE MARABAIXO

A composição do Ladrão de Marabaixo sempre esteve relacionada a algum fato da realidade, a alguma situação vivida por alguém, à vivência social. Seus versos buscam retratar a dor do negro em um passado marcado pela escravidão e pelas perseguições durante o processo de transformações históricas das cidades amapaenses.

Os ladrões de Marabaixo eram acontecimentos, “aonde tu vai rapaz?”, porque saíram da gente da igreja São José, porque eles moravam no Largo dos inocentes, eles saíram de lá pra procurar uma morada no Laguinho ou uma morada da Favela. Eu tenho fé em Deus, ainda tinha muita fé que muita coisa ia acontecer no ciclo do Marabaixo. (Mônica Ramos)

Como também, os versos abordam fatos engraçados que aconteciam com os compositores, uns mais animados e outros mais tristes. As letras são responsáveis por resgatar, reafirmar e repassar no tempo a memória e a tradição da população afroamapaense, às presentes e também às futuras gerações.

Eu acordei demadrugada
Pelo cantar da lira
Valei-me Nossa senhora
Nossa Mãe Santa Maria

Eu acordei demadrugada
E fui logo à procissão
Encontrei Nossa Senhora
Com um ramo de ouro na mão (...) (VIDEIRA, 2009, p. 162)

O Ladrão, assim chamado os versos cantados dentro do Marabaixo, rouba a história, o pensamento, a situação vivida no cotidiano, nas rodas de Marabaixo para assim darem vida as composições que dão musicalidade as festividades nos ciclos de Marabaixo. Como nos explicou Valdinete Costa: “antigamente as músicas mais ou menos alegres eram de um fato engraçado que acontecia e os próprios compositores que criavam os ladrões faziam e inventavam na hora, uns mais animados e uns mais tristes”.

Eu tinha mãe eu tinha
Eu tinha meu passarinho
Estava preso na gaiola
Bateu asa e foi embora

Bateu asa e foi embora
Foi ao ar pousou no chão
Pôs asa e pôs o bico
Dentro do meu coração (...) (VIDEIRA, 2009, p. 163)

Os Ladrões mais tradicionais não eram composições soltas, sem um viés com contexto social. Por não serem escritos, eram chamados de repentistas que se perpetuava através das continuas rodas de Marabaixo, como comenta a dona Marilda Costa:

Eles costumam chamar de Ladrão, exatamente por causa disso: você vive uma situação, chega a uma situação, a pessoa atenta pra àquela e ela já faz aquelas composições, elas eram mais repentistas antes, elas eram tanto que você não ver. É muito difícil, só aquelas pessoas bem mais antigas que tem uma música, assim, completa. Porque você não ver elas escritas, porque elas eram repentistas, entendeu? Eram situações que se vivenciavam e que a pessoa via aquelas situações e já compunham faziam repentistas em cima, dando musicalidade em cima daquela situação que você viveu.

Além disto, Marilda Costa relembra como era que se dava o repente nas rodas de Marabaixo e comenta sobre a perda dessa prática, pois quase não se vê esse momento dentro do Marabaixo, exprimindo certa saudade desse fato que marcou sua vida.

Mas antes! Você não ver mais, é uma das coisas que você não ver mais, é raríssimo você ver um repente, as músicas que são cantadas, todas são repentistas que foram criados naquelas épocas. Hoje, os repentistas são os desafios que eles falam, porque tinham repentistas que você não ver quase, é muito difícil você ver um desafio hoje de Marabaixo. Como que era o desafio? O desafio era exatamente você está cantando, aí vinha uma outra pessoa, ela jogava o verso pra você lhe desafiando a você cantar, aí vocês ficavam uma fazia e a outra dava em cima daquele verso, ela cantava outro exatamente respondendo aquele desafio que a pessoa fez do seu verso. Então, hoje, você já não vê mais isso, muito difícil. Eu, particularmente, tenho sessenta e seis anos e, ultimamente, eu acho que mais de dez eu não ouço um desafio.

À vivência social marca fortemente os versos dos ladrões, é a característica mais preponderante em suas composições, assim como a elaboração dos repentistas que alegravam e contavam a história dos negros nas rodas de Marabaixo. Os Ladrões também são registros que exprimem o modo de ser, agir, pensar e os saberes herdados por seus familiares de seus antepassados, e carregam consigo a marca de ancestralidade que resiste e se prolongam no tempo através da realização do ciclo de Marabaixo mantendo viva a memória e a tradição negra em nosso estado.

Eu amanhã vou embora, guardariô
Eu não sou daqui, sou de Gurupá
Vou fazer um sambinha, guardariô
Pra menina sambar, guardariô

Tocador toca essa caixa, guardariô
Eu também sou tocador, guardariô
Só que a caixa que trazia, guardariô
Caiu no rio e molhou, guardariô(...) (VIDEIRA, 2009, p. 157)

Atualmente, podemos perceber que há uma nova composição nos ladrões de Marabaixo, trazendo consigo temas atuais que envolvem críticas e manifestações perante algum fato a ser discutido pelos grupos marabaixeiros. Dona Marilda Costa destaca: “hoje, as composições, os compositores, eles já estão fazendo em cima de temáticas, entendeu? E já tem alguma temática e eles compõem alguma música em cima dessas temáticas”. Piedade Videira (2009, pág.115) comenta que “na atualidade, várias pessoas, incluindo crianças e adolescentes, vêm se destacando na arte de tirar o ladrão de Marabaixo e entoar com graça, beleza, ginga e habilidade suas cantigas”.

Observa-se com nitidez as mudanças quando se compara um Ladrão mais tradicional a um mais contemporâneo. Os versos mais antigos quando são cantados demonstram mais calma, são cantados mais lentamente. Já os atuais são mais ritmados, mais agitados, mais alegres, suas letras e ritmos chamam as pessoas para o salão, para as rodas de Marabaixo, é de chamar a atenção, pois as canções de Marabaixo embarcam um grupo de compositores mais jovens que, diferentemente dos versos de ladrões mais tradicionais, são mais flexíveis na hora de compor seus versos, pois almejam alcançar com a musicalidade pessoas de diversos grupos da sociedade para celebrar as festividades. Como relata Valdinete Costa: “mas, já agora na atualidade, a gente já procura fazer, a gente já pensa num tema e já faz a música mais ritmada”, isso acontece devido aos diversos ritmos que disputam com o Marabaixo. Sendo assim, essa mudança faz-se necessária para agregar mais pessoas para o movimento marabaixeiro. Neste cenário de adequações dos elementos do Marabaixo diante do contexto de relações sociais e culturais temos as indumentárias que com suas cores passam a ter as características de cada grupo marabaixeiro.

7.3. AS INDUMENTÁRIAS

Quanto ao estilo e as cores das roupas usadas pelos festeiros nas rodas de Marabaixo. As vestimentas sofreram poucas mudanças no que se refere à parte física, sua maior modificação está relacionada ao sentido que elas ganharam com as transformações das comunidades em associações.

Desde o passado, as indumentárias têm um papel importante dentro da realização da festividade do ciclo de Marabaixo, eram as próprias mulheres que costuravam e produziam suas anáguas e saias estampadas com flores a fim de dançar o Marabaixo e de realçar a beleza feminina, além de usarem a toalha e os adereços durante o período que acontecia o ciclo. Já os

homens basicamente usavam calça e a camisa branca, por ser normal antigamente o uso de roupas brancas.

Figura 14: Valdinete Costa



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

Figura15: Criança participando do Marabaixo



Fonte: AFOMAPA (2018)

Com as transformações das comunidades em associações, os grupos de Marabaixo passaram a padronizar suas roupas, cada associação identifica seu grupo por uma cor específica, cores vibrantes e alegres.

Antes as roupas não eram padronizadas cada um vinha com sua roupa realizava, costurava sua roupinha e vinha e vestia a sua melhor roupa de Marabaixo nas rodas né, trazia. Hoje não, hoje, como nós somos instituição nós procuramos padronizar, aonde for que você vê essa roupa: “ali tem um pessoal do berço”, então nós procuramos dá uma identidade para o Berço, para a instituição através das nossas indumentárias, as cores das roupas são cores assim que a gente busca mesmo cores vibrantes como forma de chamar atenção mesmo de demarca o espaço e trazer cores alegres. (Valdinete Costa)

As novas significações que são dadas a todos esses elementos surgem da interação social entre os indivíduos através da manifestação cultural, com as transformações que emergem das relações sociais e trocas culturais entre os diversos grupos dentro da sociedade. Pois, agora cada grupo de Marabaixo ganha um caráter político sendo reconhecido como associação, desta forma, as indumentárias estão relacionadas com a estética e com a identificação do grupo como uma instituição.

Tais elementos tornam-se evidentes em apresentações culturais e durante o ciclo do Marabaixo, momento em que o grupo usa sua melhor roupa para à celebração da Santíssima Trindade e o Divino Espírito Santo.

7.4. CICLO DO MARABAIXO

Quanto ao ciclo do Marabaixo, não houve interferências no que diz respeito a sua programação tradicional que é cumprida ainda hoje como era no passado. São mais notáveis as mudanças no tocante a participação popular e da juventude que se torna mais presente nas rodas de Marabaixo e nota-se que houve uma redução na participação de pessoas mais idosas. Como elenca Valdinete Costa:

Sim, ele houve interferência, ele houve uma mudança, assim, não de sua programação tradicional, a sua programação tradicional ela é cumprida rigorosamente desde o tempo da minha vó que passou pra minha mãe e está até hoje em nós. Mas ele sofreu as interferências assim, dos seus mais jovens que vem para as rodas, os idosos já não estão muito participando das rodadas, a gente já agrupa um maior número de pessoas, a gente já difunde mais a questão do Marabaixo, mas para isso foi necessário constituir instituições né, como a associação Berço do Marabaixo.

A institucionalização dos grupos de Marabaixo foi o meio pelo qual os grupos puderam se organizar para buscar apoio perante o poder público e difundir a cultura marabaixeira ante a sociedade amapaense.

Agora como associações, essas comunidades conseguem agregar cada vez mais pessoas de diversas faixas etárias durante a realização das rodas de Marabaixo, sendo preponderante a presença de jovens. Além de fortalecer a luta pelo reconhecimento como patrimônio cultural imaterial nacional, as associações coordenam suas atividades focadas na missão de ensinar, de palestrar e de formar cidadãos mais conscientes da importância da cultura do Marabaixo para a construção da identidade coletiva do estado do Amapá, perpetuando a festividade do ciclo do Marabaixo.

A associação Berço do Marabaixo foi à primeira instituição que se organizou, o dia que ela foi fundada no dia 19 de junho de 1987, ela vai fazer trinta e um anos de atividades aqui, e a gente sempre teve essa missão de ensinar, de palestrar, de formar mesmo e ter essa garantia da perpetuação da festa, da festividade do ciclo do Marabaixo. Então, hoje o ciclo do Marabaixo ele tem essa questão, a mudança se deu dos jovens assumirem, a gente já tem uma coordenação maior, um envolvimento maior com a comunidade, aproximar mais a comunidade do ciclo. (Valdinete Costa)

Desta maneira, hoje o ciclo do Marabaixo conta com a participação da juventude, e possuem uma coordenação que visa à participação da comunidade no ciclo, em razão de que no passado eram as famílias tradicionais que realizavam a festividade do ciclo.

Figura16: Marabaixo no barracão da Tia Gertrudes



Fonte: Wellyngton Bezerra (2018)

Hoje, os membros e colaboradores trazem os estudantes e contam com presença de diversas pessoas da sociedade nos barracões para conhecer e apreciar à tradição marabaixeira.

8. O SIGNIFICADO DO MARABAIXO NA VIDA DOS MARABAIXEIROS.

Durante a pesquisa de campo com a aplicação do questionário perguntamos aos entrevistados sobre o que o Marabaixo representa para eles e o que os identifica com a cultura marabaixeira, há uma semelhança nas respostas obtidas, mas cada uma traz consigo uma experiência própria da vivência com essa manifestação cultural afroamapaense. Para quem pertence e convive com o Marabaixo sua representação ganha um valor que sobrepõem os conceitos literários, pois seu significado é mais profundo, mais amplo e alcança à memória cultural individual e coletiva de um povo, seu sentido vai além dos elementos materiais como as roupas, as caixas, pois trazem consigo traços de ancestralidade que resgatam à memória, à tradição e a identidade de pessoas que lutam para reafirmar suas origens e manterem viva essa manifestação cultural.

Desta maneira, o Marabaixo se apresenta como um instrumento de resistência diante das dificuldades e dos anseios da população negra que se traduzem nos versos dos Ladrões, e fortalece a essência da tradição marabaixeira quanto à história de luta, à história de perseverança, à história de ancestralidade, como nos informou dona Marilda Costa, que nos deu seu entendimento sobre o que o Marabaixo representa para ela:

Pra mim, o Marabaixo tem um significado bem mais amplo do que a gente costuma dizer, que é aquela dança e tal, realmente é uma dança, mas que tem no seu bojo muitos elementos, assim, que são muitos representativos pra gente enquanto história de luta, enquanto história de perseverança, enquanto história de ancestralidade. Então, pra mim, ele tem toda essa tradição e que se constitui mais do que nunca um instrumento de luta da população afro, que luta exatamente pra que nele se traduz todos nossos anseios, todas as nossas perspectivas, ele traduz isso através dos próprios versos, dos próprios ladrões, né? Que a gente extravasa, coloca aqueles pensamentos, nossas ideologias, os nossos sentimentos nos ladrões do Marabaixo. Então, ele trás no seu bojo tudo isso, ele continua, ele foi, é e continua sendo um dos nossos instrumentos de luta e, ao mesmo tempo, de conquista, as pequenas conquistas que nós vamos alcançando através dele, né? Do Marabaixo. Por quê? Exatamente pelas suas músicas, pelo que elas acabam representando e leva os nossos anseios que também chega na população traduzindo nosso sentimento.

Nota-se que para dona Marilda Costa, bem mais que uma dança, como comumente nos é ensinado, o Marabaixo tem significado bem mais abrangente que denota as perspectivas, as aspirações e a memória cultural dos marabaixeiros quanto sujeitos que contribuem para a construção da identidade da sociedade amapaense.

Por outro lado, é perceptível que para a Mônica Ramos e a Valdinete Costa, esse sentimento de pertencimento está mais relacionado com a tradição familiar, com os saberes, os valores, as histórias, a resistência e as conquistas de seus antepassados pelo reconhecimento do Marabaixo como sendo cultura do estado do Amapá.

Ao serem questionadas sobre o que o Marabaixo representa para elas, as duas contaram um pouco sobre sua história de vida relacionada com essa manifestação cultural, explicando sobre os laços familiares que as conduziram para a vida de marabaixeiros com a missão de perpetuar a tradição tanto em nosso estado como nacionalmente. Valdinete Costa nos remeteu à época de sua infância e ao seu crescimento dentro das celebrações da festividade. Lembrou-se que não possuía uma atividade efetiva dentro do Marabaixo devido à pouca idade que tinha, porque tempos atrás as crianças não iam muito as rodas de Marabaixo por uma questão de respeito, mas como as rodas eram feitas em sua casa sempre estava presente e observava como as mesmas ocorriam. Sua mãe teve Alzheimer, portanto, já não lembrava mais as canções, as composições. Então, com esse fato houve a necessidade de continuar a perpetuar a tradição junto com seus irmãos, aprendendo em meio as rodas a importância da cultura marabaixeira.

Então assim, pra mim, hoje o Marabaixo representa esse símbolo de resistência, esse símbolo de amor e de muita fé que a gente tem a Deus todo poderoso, a nossa Santíssima Trindade que não deixa de ser as três pessoas: Deus uno trino pai, filho e Espírito Santo, então e assim, à lembrança, à memória que nos recorda que nos traz da própria minha mãe que foi assim uma aguerrida que deixou um legado

imensurável para nós em quanto filhos dessa tradição, e assim, pra mim representa tudo isso, o amor, a saudade, o respeito e manutenção dessa cultura que nos foi herdada e que nos foi deixada essa missão que a gente precisa continuar. (Valdinete Costa)

Assim como a Valdinete Costa, Mônica Ramos nos descreveu sua experiência com o Marabaixo nos contando sobre esse legado que seu pai a deixou, o Mestre Pavão, como é conhecido. Mesmo em meio a morte defendeu a cultura marabaixeira dizendo as seguintes palavras para ela: “Mônica, aqui na minha casa você é a única filha que pode levar o Marabaixo aos quatro cantos do Brasil, mas é para você levar, não é para você esconder o Marabaixo”. Então, hoje como uma das participantes desta manifestação cultural afro, ela demonstra a importância dessa tradição que deve ser mantida e que não deve se deixar calar diante de perseguições que a tentam. Pois para ela, é preciso dançar o Marabaixo, desenvolver estudos sobre ele, buscar conhecê-lo, ser trabalhado, porque segundo ela: “nossa cultura tem a força”.

Então, meu pai deixou esse legado pra mim e eu faço o máximo, tudo o que eu puder para o Marabaixo crescer eu faço e de graça, porque essa cultura é uma cultura da nossa terra, é uma cultura que é muito a força dos nossos negros, então só basta a gente partir que nós temos condição de mostrar e de defender o nosso Marabaixo. (Mônica Ramos)

Mesmo sendo uma festa secular, o Marabaixo ainda tem muito a crescer em nosso estado. Por representar a cor, o sofrimento, às conquistas, a dança, a harmonia, a identidade e a memória da população afrodescendente, este patrimônio cultural imaterial deve ser preservado e protegido como bem cultural que contribui para a construção da identidade nacional, garantindo as presentes e as futuras gerações à oportunidade de conhecer a história de formação do povo amapaense, bem como a tradição negra marabaixeira.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a relevância do valor que os bens culturais tangíveis e intangíveis têm para a construção da identidade nacional e para a perpetuação da memória cultural dos diversos grupos que fazem parte da sociedade brasileira, é de grande importância compreender o processo de patrimonialização, suas ações que contribuem para o registro dos patrimônios culturais por todo o país. Vimos que o processo de patrimonialização dos bens culturais, em específico, o Marabaixo, de acordo com M.L Costa & R.V. Castro (2008), tem como principal preocupação assegurar que os conhecimentos culturais pertencentes aos

grupos sociais ou comunidades possam ser repassados de geração a geração e continuamente recriados por esses grupos e comunidades em seus espaços de práticas, de sua relação com a natureza e de sua história, despertando um sentimento de identidade e continuidade, colaborando dessa maneira para promover o respeito à diversidade cultural e às formas de expressões humanas, protegendo a essência das manifestações culturais, sem intenção de “engessar” seus aspectos no tempo e no espaço.

Desta maneira, vimos que o IPHAN, sendo a autarquia responsável pelo registro e reconhecimentos dos patrimônios culturais e em identificar as manifestações populares existentes por todo o país, juntamente com os marabaixeiros dedicaram-se na elaboração dos inventários referente aos conteúdos do ciclo, das práticas, dos saberes, buscando desta forma regatar à memória, os costumes e as tradições que fazem parte de todo o conjunto que compõem o Marabaixo. Assim, visa criar ações que permitam o processo de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural em parceria entre as entidades públicas e privadas em colaboração com a sociedade para a preservação da manifestação popular afroamapaense.

Vimos que o objetivo da patrimonialização é preservar, difundir e perpetuar o bem cultural, devido às diversas modificações sofridas por ele no decorrer da história, contudo, o que está sendo reconhecido do Marabaixo como patrimônio cultural imaterial, não são exatamente como era no passado, alguns aspectos dessa manifestação cultural como: toque das caixas, os versos de ladrões, vestimentas, pessoas participantes e alguns elementos referente ao ciclo acabaram ganhando novos significados. Esse reconhecimento também está relacionado com as perseguições sofridas no passado e nos dias de hoje, devido às diversas ameaças e preconceitos contra o Marabaixo, outro intuito que os marabaixeiros buscam com a patrimonialização é o apoio governamental por meio de verbas que contribuam em suas festividades e principalmente para ajudar na realização do ciclo do Marabaixo.

No dia 8 (oito) de novembro de 2018 (dois mil e dezoito) o Marabaixo foi reconhecido como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (iphan), que ocorreu no Museu Histórico do Pará, em Belém.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. **DECRETO N° 3,551, DE AGOSTO DE 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 19 de fev de 2018.

CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. **O que é avançado em cultura**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). *A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras*. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008. p. 73-80 *apud* PORTO, CM. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. (p. 93-96)

CANTO, Fernando. **Água Benta e o Diabo**. 2° Ed. Macapá, Fundação de Cultura do Estado do Amapá- Fundecap, 1998.

_____, Fernando. **O Marabaixo Através da História**/ Fernando Canto: Editora Printgraf, 2017, p. 11.

COSTA & CASTRO, M.L & R.V. **Patrimônio Imaterial Nacional: preservando memórias ou construindo histórias?**. Estudos de Psicologia 2008, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p.125-131.

CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru, Edusc, 2012.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos S.A, 1989 *apud* PORTO, CM. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. *Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. (p. 93-96)

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Guia Básico de Educação Patrimonial** / Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg, Adriane Queiroz Monteiro - Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999, p 7

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais** – 3. Ed. – Brasília, DF: Iphan, 2012, p. 12

LONDRES, Cecília (org.). Revista tempo brasileiro n. 147: **Patrimônio imaterial**. Rio de Janeiro, out/dez, 2001.

MUNDIACULT. **Tratado sobre a cultura**. México, 1982 *apud* PORTO, CM. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP.,

and BORTOLIERO, ST., orgs. Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. (p. 93-96)

OLINTO, Heidrun Krieger; SCHØLLHAMMER, Karl Erik (Orgs). **Literatura e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. da PUC-Rio, 2008. (Coleção Teologia e Ciências Humanas, 14) *apud* PORTO, CM. **Um Olhar Sobre a Definição de Cultura e de Cultura Científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. (p. 93-96)

OLIVEIRA, Maria do Socorro dos Santos. **MARABAIXO: memoria y urbanizacion de um ritual de selva**. Barcelona, Enero/2012.

PEREIRA, Elizabeth da Silva. **Patrimônio Cultural Imaterial: Uma reflexão sobre o registro do bem cultural como forma de preservação**, São Paulo, CELACC/ECA-USP, 2012, p 5-22.

PORTO, CM. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica**. In: PORTO, CM., BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., orgs. Diálogos entre ciência e divulgação científica: leituras contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 93-122. ISBN 978-85-232-1181-3. (p. 93-96)

SANTOS, José Luiz dos, 1949 - **O Que é Cultura/** José Luiz dos Santos. São Paulo : Brasiliense, 2006.

UNESCO. **Patrimônio Cultural Imaterial**. Representação da UNESCO no Brasil Disponível em: < <http://www.unesco.org>>. Acesso em: 04 de out. 2018.

VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente: significando a identidade étnica do negro amapaense** – Fortaleza : Edições UFC, 2009.

_____, Piedade Lino. **O Marabaixo do Amapá: encontro de saberes, histórias e memórias afro-amapaenses** Revista Palmares – **Cultura afro-brasileira**, Ano X Edição 08-novembro 2014.

APÊNDICES

Apêndice A - Questionário destinado aos marabaixeiros

Tema: perguntas sobre o marabaixo

- 1. O que é o Marabaixo?**
- 2. Como é o ciclo do Marabaixo? Houve alguma mudança até chegar em nossos dias atuais? Como é o ciclo atualmente?**
- 3. O que é feito no ciclo do marabaixo? O que ele representa?**
- 4. Qual ou quais dificuldades vocês enfrentam para realização do ciclo do Marabaixo?**
- 5. Como é a roupa das mulheres e as dos homens? As cores representam o quê?**
- 6. Como eram tocadas as caixas e cantados os ladrões de Marabaixo antigamente? Como é tocado e cantado hoje?**
- 7. O que o Marabaixo representa para você?**

Apêndice B- Questionário destinado aos marabaixeiros do comitê gestor.

Tema 1 - Perguntas sobre o processo de patrimonialização do marabaixo.

- 1. Você sabe que o Marabaixo está em processo para se torna patrimônio cultural imaterial?**
- 2. Você participou do grupo que procurou o iphan para fazer o pedido para patrimonialização do Marabaixo?**
- 3. Qual a importância para você sendo marabaixeiros em ter o Marabaixo como patrimônio cultural imaterial brasileiro?**
- 4. Por qual motivo houve essa procura ao iphan para fazer o pedido de reconhecimento do Marabaixo como patrimônio imaterial?**
- 5. Você conhece alguém que tenha um posicionamento contrário sobre a patrimonialização do Marabaixo? Por qual motivo essa pessoa é contra?**
- 6. Você como participante da comunidade marabaixeira, quais contribuições você espera que o reconhecimento do Marabaixo como patrimônio imaterial traga para toda comunidade marabaixeira?**

Tema 2 - Perguntas sobre o Marabaixo.

- 1. O que é o Marabaixo?**
- 2. Como é o ciclo do Marabaixo? Houve alguma mudança até chegar em nossos dias atuais? Como é o ciclo atualmente?**
- 3. O que é feito no ciclo do marabaixo? O que ele representa?**
- 4. Qual ou quais dificuldades vocês enfrentam para realização do ciclo do Marabaixo?**
- 5. Como é a roupa das mulheres e as dos homens? As cores representam o quê?**
- 6. Como eram tocadas as caixas e cantados os ladrões de Marabaixo antigamente? Como é tocado e cantado hoje?**
- 7. O que o Marabaixo representa para você?**

Apêndice C - Questionário destinado aos membros do IPHAN.

- 1. De quem partiu a proposta de patrimonializar o Marabaixo?**
- 2. Por que o termo registro é usado para o patrimônio imaterial e o tombamento para o patrimônio material?**
- 3. Em que fase está o processo de reconhecimento do Marabaixo como patrimônio cultural imaterial?**
- 4. Das comunidades, tem algum representante que está acompanhando o processo de reconhecimento do Marabaixo?**
- 5. Qual foi a justificativa, o questionamento que o grupo gestor usou para fazer o pedido de patrimonialização?**
- 6. Todas as comunidades tem que concordar para que haja esse reconhecimento?**

Apêndice D - Termo de consentimento livre esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "~~O processo de patrimonialização do Maranhão~~". O objetivo deste trabalho é ~~entender o processo de patrimonialização~~. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), _____. O senhor (a) também poderá entrar em contato com _____, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu Naira Paula Sena de Sousa (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "~~O processo de patrimonialização do Maranhão~~".

Macapá, 20 de setembro de 2018.

Wellyngton Bezerra

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

Naira Paula Sena de Sousa

Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellyngton Cleiton da Silva Bezerra
Instituição..... Universidade Federal do Amapá
Cel: (XX) (96) 99230-3222

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "O processo de patrimonialização do morabairo". O objetivo deste trabalho é entender o processo de patrimonialização. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), _____. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu Mônica do Socorro Ramos (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "O processo de patrimonialização do Morabairo".

Macapá, 20 de setembro de 2018.

Wellyngton Bezerra

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

Mônica do Socorro Ramos

Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellyngton Cleiton da Silva Bezerra
Instituição..... Universidade Federal do Amapá
Cel: (XX) (96) 99190-3222

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "O processo de patrimonialização do Maranhão". O objetivo deste trabalho é entender o processo de patrimonialização. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____, Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), 99190-3222. O senhor (a) também poderá entrar em contato com _____, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu Adrian Kethen Piconco Barbosa (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "O processo de patrimonialização do Maranhão".

Macapá, 20 de setembro de 2018.

Wellyngton Bezerra

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

Adrian Barbosa

Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellyngton Bezerra / Emerson Araújo
Instituição..... Universidade Federal do Amapá
Cel: (XX)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "O processo de patrimonialização do Marabão". O objetivo deste trabalho é entender o processo de patrimonialização. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), _____. O senhor (a) também poderá entrar em contato com _____, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu VALDINETE SILVA DA COSTA (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "O processo de patrimonialização do Marabão".

Macapá, 22 de outubro de 2018.

Wellyngton Bezerra Valdinete Silva da Costa

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadore: Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellyngton Cleiton da Silva Bezerra
Instituição..... Universidade Federal do Amapá
Cel: (XX) (96) 99290-3222

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "O processo de patrimonialização do Maranhão". O objetivo deste trabalho é entender o processo de patrimonialização. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), _____. O senhor (a) também poderá entrar em contato com _____, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu Quando Elias de Barros Neto (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "O processo de patrimonialização do Maranhão".

Macapá, 18 de setembro de 2018.

Wellington Bezerra

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

Quando Elias de Barros Neto

Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellington Cláudio da Silva Bezerra
Instituição..... Universidade Federal do Amapá
Cel: (XX) 196 99190-3222

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "O processo de patrimonialização do Marabão". O objetivo deste trabalho é entender o processo de patrimonialização. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevistas, etc _____ agendadas a sua conveniência (de acordo com o seu _____), onde será _____. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar _____. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são _____, em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: _____ (celular), 93190-3222. O senhor (a) também poderá entrar em contato com _____, o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu Paulda Tibradela J. (nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada "O processo de patrimonialização do Marabão".

Macapá, 20 de setembro de 2018.

Wellyngton Bezerra

Assinatura do Pesquisador ou pesquisadores

Paulda Tibradela J.

Assinatura do paciente

Nome por extenso Wellyngton Bezerra / Emerson Araújo
Instituição..... Universidade Federal do Amapá.
Cel: (XX) 93190-3222